

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO NAS GRADUAÇÕES DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

PIACENTINI, Rafael Venturin¹
JORGE, Gabriela Bandeira²
MENEGHATTI , Marcelo Roger³

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é realizar um levantamento sobre o ensino de empreendedorismo e gestão nos cursos de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Tal estudo foi desenvolvido de modo quantitativo a partir de um senso avaliando todos os cursos de arquitetura registrados e ativos no Ministério da Educação e Cultura – MEC. Os dados foram coletados por meio da análise das grades curriculares, sendo consideradas apenas as encontradas por meios oficiais e institucionais. Posteriormente foi avaliada a natureza das instituições (pública ou privada), a modalidade dos cursos (presencial ou a distância), além do estado da instituição e as disciplinas de formação empreendedora – empreendedorismo, gestão, administração e similares. Entre os principais resultados observou-se que 44,90% dos cursos avaliados oferecem algum tipo de formação empreendedora a seus alunos, aonde esse percentual chega a 88,23% quando avaliado conjuntamente a outras disciplinas de conhecimento gerencial. Outro resultado relevante é que a maior oferta de ensino do empreendedorismo se concentra nos cursos de instituições de ensino privadas. Ressalta-se que este estudo contribui como base teórica e de dados para pesquisas sobre o ensino de empreendedorismo, principalmente nos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Ainda contribui como um alerta para novas perspectivas sobre o ensino de empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior.

PALAVRAS-CHAVE: Educação empreendedora. Formação empreendedora. Empreender.

ENTREPRENEURIAL EDUCATION: TEACHING ENTREPRENEURSHIP IN ARCHITECTURE AND URBANISM UNDERGRADUATES IN BRAZIL

ABSTRACT

The objective of this research is to carry out a survey on the teaching of entrepreneurship and management in the courses of Architecture and Urbanism in Brazil. This study was developed in a quantitative way from a sense evaluating all architecture courses registered and active at the Ministry of Education and Culture – MEC. Data were collected through the analysis of the curriculum, considering only those found by official and institutional means. Subsequently, the nature of the institutions (public or private), the modality of the courses (face-to-face or distance) was evaluated, as well as the state of the institution and the subjects of entrepreneurial training – entrepreneurship, management, administration and similar. Among the main results, it was observed that 44.90% of the evaluated courses offer some type of entrepreneurial training to their students, where this percentage reaches 88.23% when evaluated together with other management knowledge disciplines. Another relevant result is that the greatest offer of entrepreneurship education is concentrated in courses offered by private educational institutions. It is noteworthy that this study contributes as a theoretical and data base for research on the teaching of entrepreneurship, mainly in Architecture and Urbanism courses. It also contributes as an alert for new perspectives on the teaching of entrepreneurship in Higher Education Institutions.

KEYWORDS: Entrepreneurial education. Entrepreneurial training. Undertake.

¹ Bacharel em Administração pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário FAG; Especialista em Projeto de Arquitetura: Gestão e Sustentabilidade pela Universidade Paranaense. E-mail: rafael.venturin@gmail.com

²Discente de Mestrado em Engenharia de Energia na Agricultura da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: gabi_bandeira@hotmail.com

³ Doutor Docente do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: frmeneghatti@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os conhecimentos de empreendedorismo e gestão são certamente um ponto positivo quanto as questões de competitividade de uma organização. Quando se trata de um negócio na área de arquitetura ou da construção civil, os profissionais que possuem tais conhecimentos podem ter vantagem no mercado, que sofre com grandes flutuações causadas principalmente pelo mercado imobiliário e as políticas habitacionais do país.

Para construir um imóvel, faz-se necessário que o arquiteto tenha uma gama de conhecimentos técnicos que abrange design, estudo de fluxos, geografia e geologia, orientação solar, física, esforços, sistemas estruturais e tecnologias de construção entre tantas outras matérias que compõe as grades dos cursos de arquitetura e urbanismo por todo o Brasil. Se para construir uma edificação são necessários todos estes saberes ofertados pelas graduações da área, para que um arquiteto possa construir um modelo de negócio em arquitetura – faz-se necessário uma série de conhecimentos pertencentes ao campo de estudo da administração, contudo, os cursos de arquitetura de nível superior no Brasil são negligentes, e são raros os casos em que disciplinas de empreendedorismo, gestão ou administração aplicada a arquitetura são ofertados aos seus acadêmicos, o que promove a existência de uma lacuna na educação daqueles que pretendem empreender após sua graduação.

O empreendedor pode ser entendido como o sujeito com capacidade de desenvolver inovações que promovam o desenvolvimento do mundo, resolvam problemas e percebam oportunidades das quais podem se apropriar (SCHAEFER; MINELLO, 2017). Uma visão mais clássica do empreendedor é a do sujeito inovador, essa visão é adotada pelos pesquisadores de empreendedorismo ligados a economia. Outra visão é a do sujeito que explora sua criatividade para aproveitar oportunidades, esta segunda é adotada pelos pesquisadores das ciências comportamentais (FILION, 1999).

A educação empreendedora é positiva para qualquer Instituição de Ensino Superior (IES) e para o desenvolvimento socioeconômico de uma nação (VOLKMANN, 2004). Este modelo educacional ganhou importância e foi adicionado à agenda da Organização das Nações Unidas (ONU) (UNCTAD, 2015; LIMA *et al*, 2015). O desenvolvimento da educação empreendedora no ambiente institucional de aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento de empreendedores, pois viabiliza o aperfeiçoamento de características ou hábitos dos mesmos (TAVARES; MOURA; ALVES, 2013). Ainda, com o posicionamento dos diversos autores, é necessário enfatizar que apenas a oferta de disciplinas relacionadas a gestão e empreendedorismo, não garante que os acadêmicos seguiram por este caminho, mesmo que o façam, obtenham sucesso. Entretanto, garantir a oferta de tais disciplinas pode ser fator de incentivo aos acadêmicos a empreenderem. Diante disso este estudo considera

observar a existência de tais matérias nos cursos de arquitetura, uma vez que se tem nessa oferta uma ação de educação empreendedora.

A questão que norteia esta pesquisa é apresentada na seguinte pergunta: quantas instituições de ensino superior que possuem graduação em arquitetura e urbanismo, no Brasil, oferecem disciplinas de empreendedorismo a estes cursos? Para responder a este problema elenca-se o objetivo da pesquisa: realizar um levantamento sobre o ensino de empreendedorismo e gestão nos cursos de arquitetura e urbanismo do Brasil.

A pesquisa justifica-se devido ao alto número de graduações na área, existentes no país. De acordo com e-MEC, fonte oficial do ministério da educação e cultura, existem 819 cursos distribuídos entre as IES públicas e privadas. Partindo destes dados, aferir estatisticamente a existência do ensino de empreendedorismo e gestão dentro da arquitetura é relevante para compreender quais delas, preparam melhor seus alunos para o universo dos negócios ou para que possam ser gestores eficientes. Ao realizar-se uma busca na base de dados *Scientific periodical Eletronic Library – SPELL* – com as palavras arquitetura, empreendedorismo, gestão, administração e ensino, tanto em título, resumo e palavras-chave, não se encontrou nenhuma publicação que envolvesse tais dimensões de estudo. O mesmo ocorreu ao se consultar a base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – CAPES – e também na base de dados *Scielo*, o que demonstra a falta de estudos nacionais nesse campo.

Esta pesquisa possui a natureza quantitativa e se utiliza do método de censo para atingir o objetivo do estudo. A partir da lista de todos os cursos de arquitetura e urbanismo do Brasil, fornecida pelo sistema do e-MEC – o qual foi acessado em setembro de 2019 – foram analisados, nesta pesquisa, 657 cursos. A base de dados formada foi analisada por meio do software PSPP, onde se realizaram análises de tabulação cruzada – entre as disciplinas e outras três dimensões (natureza da instituição, se pública ou privada; a modalidade do curso, se presencial ou a distância e, por fim, a distribuição dos cursos e disciplinas por estado).

Dos resultados, foi identificado que 44,90% dos cursos avaliados oferecem disciplinas relacionadas à formação empreendedora em suas grades, tanto em cadeiras obrigatórias como em eletivas, e esse valor cresce substancialmente quando avaliada em conjunto com as demais disciplinas pesquisadas, apresentando o valor de 84,23% dos cursos. Contudo, ressalta-se que tal preocupação é mais evidente nos cursos de universidades privadas, sendo que as públicas apresentaram um resultado quase inexpressivo no que se refere a educação empreendedora em arquitetura.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O conceito de empreendedorismo acompanha a evolução da persona do empreendedor, que por sua vez seria o indivíduo capaz de gerar inovações que originem transformações profundas em determinado setor, atividade ou território na qual este indivíduo atua. Ele, é capaz de desenvolver novas combinações e arranjos dos meios produtivos de modo que possibilite o desenvolvimento econômico, seja por meio da introdução de um novo bem ou serviço, método produtivo, criação de mercado, a criação de uma nova fonte de matéria-prima e até mesmo na construção ou desmonte de monopólios (SCHUMPETER, 1985).

Contudo, se essa visão – pertencente aos economistas – relaciona o empreendedor e consequentemente o empreendedorismo aos aspectos de inovação, pesquisadores da área de ciências comportamentais aproximam o tema à criatividade (FILION, 1999). Outro conceito, é o de agrupar pessoas e processos de modo que transformem ideias em oportunidade, para a criação de negócios (DORNELAS, 2008). Ressalta-se que não existem apenas empreendedores por oportunidade, pois fatores como desemprego levam ao surgimento destes, por necessidade (PORTELA *et al*, 2008).

Percebe-se que o empreendedor é um indivíduo criativo, com capacidade de atingir seus objetivos, desenvolver inovação, perceber oportunidades e desenvolver melhorias no que já existe ou nas ocasiões percebidas de novos negócios (FILION, 1999). Entretanto, pode ser percebido também como indivíduo inovador, com sensibilidade às oportunidades de mercado, que abraça novos projetos de negócios, produtos ou serviços, ou seja, nessa visão, o empreendedorismo é a atividade do empreendedor, e se alinha aos demais conceitos apresentados (TAVARES; MOURA; ALVES, 2013).

O ensino de empreendedorismo no Brasil é bastante recente e isso se deve ao fato da industrialização tardia em terras tupiniquins (HENRIQUE; CUNHA, 2008). O primeiro curso em relacionado ao tema, surgiu em 1981 na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, mas a disciplina era exclusiva do programa de especialização da instituição, chegando a graduação três anos depois, em 1984 (DOLABELA, 2008).

Fomentar o empreendedorismo tornou-se imperativo nos últimos anos, não apenas no Brasil, mas em países por todo o globo. Ensinar sobre o assunto, se tornou prioridade, pois é comprovado seu impacto no desenvolvimento político, econômico e social do país (PAUL; SHRIVATAVA, 2016). Ensinar a empreender, ou educar as pessoas para que sejam empreendedores incentiva a abertura de novas empresas, as quais oferecem empregos e desenvolvem inovação nos mais diversos segmentos (LANERO *et al*, 2011; LIMA *et al*, 2015).

Devido à relevância que o empreendedorismo assumiu no mundo contemporâneo, através do estímulo de desenvolvimento econômico e social que este proporciona, estudos sobre essa dimensão

do conhecimento foram realizados (FILION, 1999), mas também foram desenvolvidas pesquisas sobre a educação empreendedora e suas práticas (BAKAR; ISLAM; LEE, 2015). É precisamente a essa abordagem pedagógica, que possibilita aos estudantes a percepção e avaliação de cenários e os permite assumirem posicionamentos ativos que oferecem a possibilidade de explorar as oportunidades que se apresentam a eles (LOPES, 2014; SOUZA *et al*, 2006).

Na última década o ensino de empreendedorismo assumiu um papel de interesse crescente (LIMA *et al*, 2015). Por isso ressalta-se que o mesmo, é diverso quanto a abordagem pedagógica, onde destacam-se duas abordagens, sendo que uma enfatiza a educação sobre o empreendedorismo e a segunda adota a abordagem de educar para ele (LAUTENSCHLÄGER; HAASE, 2011). Esta segunda abordagem tem se destacado, pois ensinar para além da teoria e educar para criar indivíduos empreendedores torna-se cada dia mais imperativo (CHEUNG; AU, 2010; ELMUTI; KHOURY; OMRAN, 2012; GIOVANELA; GOUVEIA; FRÂNCIO; DALFANO, 2010;).

A educação empreendedora relaciona-se positivamente com a intenção de empreender e pode ser entendida como um estímulo ao indivíduo para se tornar empreendedor. Ela é um incentivo ao processo criativo, autoestima, responsabilidade, e um instrumento de fomento à inovação (LIMA *et al*, 2015). Ainda é positiva, uma vez que possibilita o contato dos alunos com o mundo do empreendedorismo, sejam daqueles que nunca tiveram contato com este e, dos que tiveram (FAYOLLE; GAILLY, 2015).

Com o desenvolvimento de estudos a crença de que a capacidade empreendedora seria uma habilidade inata ou um talento divino se dissipou, dando lugar ao entendimento de que a capacidade empreendedora pode ser ensinada (DORNELAS, 2015; YUSOFF; ZAINOL; IBRAHIM, 2015). Mesmo que autores como Lautenschläger e Haase (2011) apresentem uma perspectiva discordante, afirmindo que certos aspectos seriam inviáveis de serem ensinados, como a criatividade, inovação, tomada de decisão, pró-atividade e propensão ao risco, ainda assim, essa perspectiva não é entendida como verdade pela maioria dos pesquisadores. Diante a isso, o ensino, ou mesmo a educação empreendedora e as metodologias, são um campo de investigação recente (VIEIRA *et al*, 2013). Para empreender não basta adquirir conhecimentos sobre o assunto, é necessário também possuir posturas e comportamentos, utilizar a capacidade de percepção de mundo, utilizar suas capacidades de inovação e assumir os riscos de empreender mesmo na incerteza (DOLABELA, 2008).

É consenso de que a forma mais eficiente de ensinar empreendedorismo é pela vivência, uma educação ativa e capaz de relacionar a teoria da academia a exemplos reais de negócios (GOMES; SILVA, 2018). Nesse sentido, os autores, até aqui citados, enfatizam a relevância da educação empreendedora não apenas como disciplina dos currículos de graduação, mas, que ela deve ser

transferida de forma atrativa. A Lei das Diretrizes Básicas da Educação – LDB (1996) – concorda com esse posicionamento.

Certamente, já foram conduzidos estudos sobre este tema, sejam para avaliar a intenção empreendedora (KRÜGER; BÜRGER; MINELLO, 2019), ou para fundamentar teoricamente o tema (ARAUJO; DAVEL, 2018; JOHAN; KRÜGER; MINELLO, 2018) e até mesmo com objetivo de identificar práticas e métodos de ensino adequados à formação de empreendedores (SILVA; PATRUS, 2017).

Diante a necessidade de educar os alunos para serem empreendedores, é relevante identificar se os cursos de graduação oferecem meios de seus alunos se preparem para se aventurarem por esse mundo. Por isso, este estudo objetiva fazer o levantamento do ensino de empreendedorismo nos cursos de arquitetura e urbanismo do Brasil. Para realização deste levantamento adotou-se o método descrito na seção seguinte.

3. METODOLOGIA

Optou-se por uma pesquisa quantitativa que apresentou resultados a cerca de uma população específica (CRESWELL, 2007), neste caso, os cursos de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Optou-se pelo método do senso, todos os cursos superiores desta área. Por meio de consulta ao sistema e-MEC, do Ministério da Educação e Cultura, em julho de 2019, descobriu-se que o Brasil conta com 819 cursos de arquitetura. Contudo alguns destes já foram extintos ou estão em processo de extinção, de modo que os cursos nestes status não foram considerados para a pesquisa, o mesmo vale para os cursos ainda não iniciados, mas que também aparecem na lista fornecida pelo e-MEC. Sendo assim dos 819 cursos de arquitetura fornecidos pela lista do e-MEC, 138 cursos não tiveram suas grades encontradas por meios oficiais ou sites institucionais e foram excluídos da base de dados utilizada para realização dos testes. O número de cursos extintos ou descredenciados encontrado foi de 13, e o total de cursos não iniciados, ao menos durante a pesquisa, foi de 12 cursos, de modo que se considerou para este estudo 657 cursos superiores em arquitetura e urbanismo do Brasil. Quanto a natureza desses cursos apenas 54 são de instituições públicas, enquanto 603 pertencem a instituições privadas.

Como alguns cursos possuem mais de um Projeto Político e Pedagógico – PPP – em vigência, uma vez que mesmo quando alterado, o PPP anterior tem validade até a formação da última turma ingressante durante sua vigência, esta pesquisa optou por considerar apenas as grades curriculares

dos últimos PPPs aprovados dos cursos. Apesar de ser uma limitação da pesquisa, essa manobra se justifica, pois, dessa forma, foram analisados apenas os documentos mais recentes de cada curso.

O próximo passo neste estudo foi buscar as grades, ou matrizes curriculares, de cada um destes cursos e observar a existência de disciplinas de empreendedorismo, gestão ou administração aplicadas, além da natureza, cadeiras obrigatórias ou eletivas. Quando observada existência de matérias como gestão de projetos, gestão de processos ou gestão de obras – e similares a estas citadas como, memoriais e orçamentos ou administração da construção – foram agrupadas como disciplinas similares e foram aferidas na pesquisa. Assim analisou-se 4 grupos de disciplinas (empreendedorismo, gestão, administração e similares) sendo que as disciplinas similares formam um grupo avaliado como uma disciplina, pois, muitos cursos apresentaram em suas matrizes curriculares matérias de gestão específica de execução de obras – uma atividade distinta da gestão empresarial. Foram consideradas apenas grades curriculares encontradas em meios oficiais, ou seja, consideraram-se apenas as disciplinas encontradas em sites institucionais das próprias IES, os quais foram consultados entre julho e dezembro de 2019.

Outro fator a ser mencionado é que a lista fornecida pelo e-MEC considera cada campus um curso distinto, de modo que se adotou a mesma consideração. Instituições que ofertam o curso em mais de um turno tiveram suas grades agrupadas e consideradas como uma única grade, exceto no caso de multi *campi*, onde cada campus foi analisado individualmente, pois em muitos casos as IES possuem campus ou pólos em mais de um estado.

Além das disciplinas supracitadas, foi observada a natureza da IES, se é pública ou privada, e o estado onde está instalada, o que gerou um mapa de temperatura que permitiu identificar o estado e/ou regiões onde o ensino de empreendedorismo em arquitetura é mais presente e incentivado. Para esta análise foi gerada uma base de dados em *Excel* com as variáveis: a) disciplinas – administração, gestão, empreendedorismo, similar; b) natureza da instituição; c) modalidade do curso – presencial ou EaD – Ensino a Distância. Na variável A, cada uma das quatro disciplinas foram observadas e receberam valores, sendo 0, quando não existiam na grade do curso, 1 caso exista como disciplina obrigatória e 2, caso apareça como disciplina eletiva. Já na variável B, foi atribuído o valor de 0 para IES privadas e 1 para IES públicas. Na variável C, atribuíram-se os valores 0 para presencial e 1 para EaD. Ressalta-se aqui, que o Conselho de Arquitetura e Urbanismo se recusa a oferecer registro profissional a alunos que se formem em cursos a distância (CAU, 2019).

Antes de se iniciar os testes estatísticos, excluíram-se os cursos não encontrados, extintos, em extinção ou não iniciados de modo a se obter a base de dados final a ser analisada. A análise ocorreu por meio do software PSPP, que permitiu uma sequência de testes estatísticos. Sendo eles: de

estatística descritiva; análise por tabulação cruzada; e correlações lineares, que identificou correlações entre as variáveis analisadas. Estes resultados podem ser observados na seção seguinte.

4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Primeiro se faz necessário compreender a distribuição geográfica dos cursos analisados. Para isso se realizou a análise de frequência, e o resultado pode ser observado no Quadro 01.

Quadro 01 - Distribuição e número de cursos de arquitetura em cada estado brasileiro

ESTADO	SIGLA	NÚMERO DE CURSOS	PERCENTUAL	PERCENTUAL ACUMULADO
Acre	AC	2	0,30	0,30
Alagoas	AL	9	1,37	1,67
Amapá	AP	1	0,15	1,82
Amazonas	AM	15	2,28	4,10
Bahia	BA	26	3,96	8,06
Ceará	CE	19	2,89	10,95
Espirito Santo	ES	21	3,21	14,16
Goiás	GO	12	1,83	15,99
Maranhão	MA	6	0,91	16,90
Mato Grosso	MT	11	1,67	18,57
Mato Grosso do Sul	MS	12	1,83	20,4
Minas Gerais	MG	74	11,26	31,66
Pará	PA	7	1,07	32,73
Paraíba	PB	10	1,52	34,25
Paraná	PR	62	9,44	43,69
Pernambuco	PE	11	1,68	45,37
Piauí	PI	6	0,91	46,28
Rio de Janeiro	RJ	52	7,91	54,19
Rio Grande do Norte	RN	11	1,67	55,86
Rio Grande do Sul	RS	43	6,54	62,40
Rondônia	RO	1	0,15	62,55
Roraima	RR	3	0,46	63,01
Santa Catarina	SC	42	6,39	69,40
São Paulo	SP	171	26,03	95,43
Sergipe	SE	8	1,22	96,65
Tocantins	TO	9	1,37	98,02
Distrito Federal	DF	13	1,98	100

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Como apresentado no Quadro 01, percebe-se que a maioria dos cursos de arquitetura se concentram nas regiões sudeste e sul, seguidos do Nordeste, centro oeste e norte. Essa distribuição geográfica foi realizada para facilitar a visualização. Compreender a distribuição dos cursos permitirá futuros estudos direcionados a cada uma das realidades, principalmente de natureza qualitativa,

permitindo análises que investiguem os porquês de uma região ou estado oferecer mais cursos com educação empreendedora quando comparado a outra.

O primeiro critério avaliado pela tabulação cruzada, foi quanto a natureza dos cursos – referente à instituição, se pública ou privada - que resultou no Quadro 02. Nele percebe-se que é expressivo o número de cursos de arquitetura e urbanismo que ofertam a disciplina de empreendedorismo, sendo 294 cursos que representam 44,82% do total avaliado.

Quadro 02 - Resultado da análise por tabulação cruzada

	Administração		% Obrig.	Gestão		%	Empreendedorismo		%	Similar		%
	Obrig.	Eletiva		Obrig.	Eletiva		Obrig.	Eletiva		Obrig.	Eletiva	
	PÚBLICA	PRIVADA	TOTAL	% TOTAL	PRESENCIAL	DISTÂNCIA	TOTAL	% TOTAL				
3	2	0,64	4	0	0,41	5	0	0,26	7	0	1,48	
6	2	0,26	3	1	0,64	229	60	8,01	84	1	0,68	
9	4	3	7	1	8	234	60	94	01	1	02	
0,41	0,61	0,02	0,63	0,15	0,78	35,67	9,15	4,82	0,59	15	0,74	
6	4	0,76	6	1	,87	217	59	3,88	91	0	0,32	
3	0	1,11	1	0	0,70	17	1	6,66	0	1	0,74	
9	4	3	7	1	8	234	60	94	01	1	02	
0,41	0,61	0,02	0,63	0,15	0,78	35,67	9,15	4,82	0,59	0,15	0,74	

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Quanto às disciplinas de gestão ou administração aplicadas, que são matérias que oferecem conhecimentos que podem favorecer aos acadêmicos virem a tornarem-se empreendedores, estas

correspondem respectivamente a 5,02% e 5,78%, esse resultado pode estar abaixo do esperado, uma vez que representa um ponto a ser melhorado na educação empreendedora, dentro dos cursos de arquitetura no Brasil. Disciplinas similares como gestão de projetos, administração de obras e outras, aparecem em 30,74% dos cursos avaliados, isso demonstra que estes enfatizam o ensino técnico.

Em todas as disciplinas avaliadas, os resultados mais expressivos foram os das instituições privadas, o que pode indicar que essas, estão mais alinhadas com a necessidade de formar empreendedores. Quando observada apenas a disciplina de empreendedorismo, 48,01% das instituições privadas a oferecem, enquanto apenas 9,26% dos cursos de universidades públicas fazem o mesmo. Quanto as disciplinas de administração e gestão a natureza – pública ou privada – não faz diferença, apresentando percentuais similares como observados no Quadro 02, e o mesmo se repete com as disciplinas similares.

O segundo critério avaliado foi da modalidade dos cursos – se são ofertados de forma presencial ou à distância. Constatou-se que 4,11% dos cursos analisados são ofertados à distância, o que chama atenção, é que todos são de IES privadas. Ressalta-se ainda que nenhum destes cursos, formou profissionais até o momento, contudo, 18 destes apresentam a disciplina de empreendedorismo em suas grades, sendo apenas 1 como disciplina eletiva. É representativo quando observado apenas dentro do contexto da modalidade à distância isolada, uma vez que representa 66,66% das disciplinas de empreendedorismo ofertadas nos cursos de arquitetura. Dos 630 cursos presenciais, 54 são cursos de instituições públicas enquanto 576 são privadas. Até o momento deste estudo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU, 2019), posiciona-se contra o ensino de arquitetura à distância e se recusa a realizar o registro profissional de qualquer bacharel em arquitetura formado nessa modalidade. Mesmo diante ao posicionamento do CAU, o resultado apresentado nos cursos EaD foi bastante expressivo, dois terços dos cursos oferecem o ensino de empreendedorismo a seus alunos, contudo, com a negativa do CAU em realizar o registro destes egressos, os mesmos estão impedidos de exercer a profissão.

Ao observar a distribuição dessas disciplinas por estado, como mostra o Quadro 03, percebe-se que a maioria delas é ofertada como obrigatória. Pode-se ainda concluir que as disciplinas de empreendedorismo e similares são mais ofertadas.

Quadro 03 - Distribuição das disciplinas avaliadas por estado

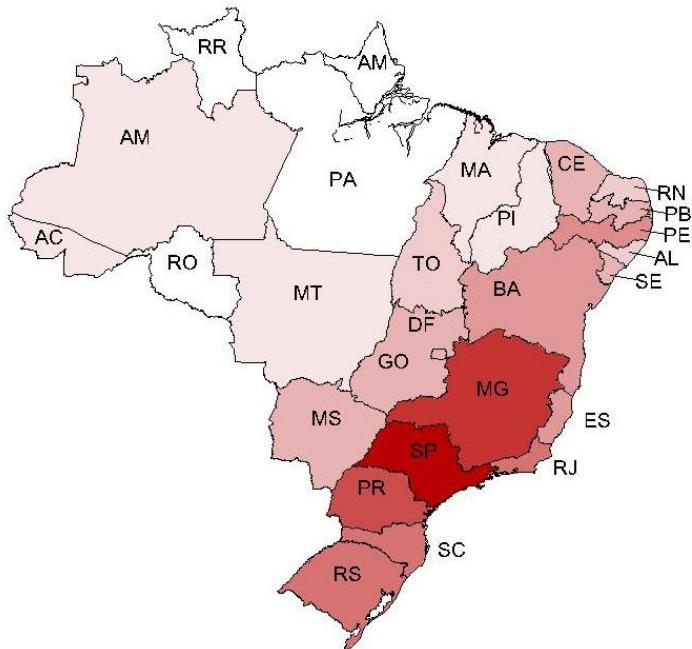
Estado	Nº de cursos	Administração		Gestão		Empreendedorismo		Similar	
		Obrig.	eletiva	Obrig.	Eletiva	obrig	eletiva	obrig	Eletiva
Acre	2	0	0	0	0	2	0	2	0
Alagoas	9	0	0	0	0	3	0	6	0
Amapá	1	0	0	0	0	0	0	1	0
Amazonas	15	0	0	0	0	2	0	3	0
Bahia	26	0	0	0	0	6	1	9	1
Ceará	16	2	1	0	0	4	1	8	0
Espirito Santo	19	2	0	1	0	6	0	5	0
Goiás	11	0	0	0	0	5	0	5	0
Maranhão	6	0	0	1	0	2	0	3	0
Mato Grosso	11	0	0	1	0	2	0	4	0
Mato Grosso do Sul	10	2	0	0	0	5	0	3	0
Minas Gerais	72	2	0	1	0	34	2	10	0
Pará	7	0	0	0	0	0	1	1	0
Paraíba	8	1	1	0	0	4	1	2	0
Paraná	58	4	0	0	0	26	1	27	0
Pernambuco	9	2	0	2	0	8	1	5	0
Piauí	6	0	0	0	0	2	0	3	0
Rio de Janeiro	50	2	0	13	0	20	3	18	0
Rio Grande do Norte	11	0	0	2	0	3	0	9	0
Rio Grande do Sul	39	4	0	7	0	21	1	15	0
Rondônia	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Roraima	2	1	0	0	0	0	1	1	0
Santa Catarina	9	3	0	2	0	16	7	14	0
São Paulo	68	1	2	6	1	56	35	40	0
Sergipe	7	1	0	0	0	4	1	4	0

Tocantins	9	0	0	0	0	1	2	2	0
Distrito Federal	3	0	0	0	0	2	3	1	0
TOTAL	624	28	3	36	1	234	61	196	1
SOMA	624		31		37		295		197
%	00%		4,72%		5,63%		44,90%		29,98%

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Observa-se no Quadro 03, que os resultados quanto as ofertas das disciplinas pesquisadas são positivas, a disciplina de empreendedorismo aparece em 44,90% dos cursos avaliados e se considerar todas as avaliadas, estes percentuais atingem 84,23%. Contudo, os dados do Quadro 03 foram traduzidos em imagem, figura 02, gerando um mapa que demonstra visualmente a distribuição do ensino de empreendedorismo nos estados brasileiros. Observa-se que, existe um grande esforço em oferecer educação empreendedora, concentrado no eixo sul – sudeste, o que era esperado, uma vez que estas regiões também concentram o maior percentual de cursos de arquitetura do país.

Figura 01 – Distribuição do ensino de empreendedorismo nos estados



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Observar-se na Figura 01, que os estados com maior número de cursos, também são aqueles que ofertam mais disciplinas voltadas para o empreendedorismo. Observando o mapa também é possível perceber, que há uma dispersão concêntrica do ensino de empreendedorismo nos cursos de arquitetura, sendo o epicentro o estado de São Paulo. Os estados mais próximos apresentam maior

disponibilidade do ensino de empreendedorismo e os estados mais distantes vão perdendo a expressão.

Após os testes de tabulação cruzada, realizaram-se os testes de normalidade – *Kolmogorov Smirnov* e correlação. O resultado obtido pelo teste de normalidade em todas as variáveis avaliadas, foi de 0,00 para o valor sigma, o que significa que a distribuição é não normal. Conhecendo o tipo de distribuição, se realizou o teste de correlação de *Spearman* entre as variáveis de disciplinas – administração, gestão, empreendedorismo e similar – com a natureza (pública ou privada), a segunda correlação foi entre as disciplinas e a modalidade, a terceira a correlação entre as disciplinas e o tempo de existência dos cursos, e por fim, a correlação entre as disciplinas e o estado. Os resultados obtidos, por meio da análise do PSPP, podem ser observados no Quadro 04, que demonstram que não há relação de nenhuma das variáveis pesquisadas com o ensino para o empreendedorismo nos cursos de Arquitetura e Urbanismo do Brasil.

Quadro 04 – Resultados do teste de correlação de *Spearman*

Disciplinas	Natureza	Modalidade	Tempo	Estado
Administração	0,09	0,06	-0,02	-0,02
Gestão	0,02	-0,02	0,08	0,08
Empreendedorismo	-0,20	0,05	0,22	0,22
Similar	0,00	0,06	-0,08	-0,08

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Mais uma vez não foi encontrada correlação entre as dimensões analisadas. Isso demonstra que não há relação entre a existência das disciplinas pesquisadas com qualquer uma das quatro dimensões, podendo significar que o ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo do Brasil é um fenômeno que ainda precisa ser observado por mais pesquisas.

A partir das análises estáticas realizadas com o PSPP, observou-se primeiramente a distribuição dos cursos de Arquitetura e Urbanismo pelo solo nacional o que apontou maior concentração nas regiões sudeste e sul. A mesma concentração nessas regiões quanto a oferta de disciplinas para a educação empreendedora nos cursos de Arquitetura e Urbanismo foi observada. Essas regiões possuem as maiores densidades demográficas e são importantes polos econômicos no país o que pode ser um fator de correlação – sugere-se que, estudos futuros investiguem se existe relação entre esses fatores com a oferta de disciplinas de empreendedorismo nestes cursos.

Este estudo iniciou com a comparação entre os conhecimentos necessários para que uma edificação seja erigida – o que requer uma série de conhecimentos técnicos – com a necessidade de certos saberes necessários para o sucesso de um profissional enquanto empreendedor. Se por um lado a formação de arquiteto requer conhecimentos de física, matemática, design, geografia e outras disciplinas, se tal profissional deseja empreender, far-se-á necessário que o mesmo possua – ou tenha

acesso à possibilidade de adquirir – certos conhecimentos do espectro do conhecimento gerencial, como contabilidade, administração aplicada e principalmente o próprio empreendedorismo.

A necessidade de empreender, expressa em diferentes carreiras, aponta para a importância dos cursos superiores, independentemente de quais sejam, ofertarem ações voltadas para a educação empreendedora, pois ela, colabora para o desenvolvimento econômico nacional (VOLKMANN, 2004) e desenvolvê-la no ambiente acadêmico viabiliza o aperfeiçoamento das características empreendedoras dos indivíduos (TAVARES; MOURA; ALVES, 2013).

Apesar dos resultados obtidos por este estudo, ainda é um número que pode melhorar, lembrando que oferecer ensino para o empreendedorismo, dentro do ambiente acadêmico, permite o desenvolvimento de características empreendedoras nos indivíduos (TAVARES; MOURA; ALVES, 2013). O percentual total encontrado neste estudo, quanto à oferta específica da disciplina de empreendedorismo nos cursos de arquitetura, é relativamente expressivo, 44,9% dos cursos analisados apresentaram tal disciplina. Se considerar as demais disciplinas pesquisadas – administração e gestão aplicada ou similares – este percentual chega a 84,23%, porém principalmente as disciplinas similares (28,98%), não necessariamente oferecem aos alunos bases teóricas e/ou profissionais sobre o tema em questão, principalmente por serem disciplinas de gestão de obras, administração de obras, marketing aplicado a arquitetura, gestão de projetos, orçamentos e outras com conhecimento limitado em relação a este tema. De fato, disciplinas de empreendedorismo são bastante recentes no Brasil, tal disciplina surgiu pela primeira vez em 1981 (HENRIQUE; CUNHA, 2008; DOLABELA, 2008).

Entre os resultados obtidos, o destaque referente ao ensino dessas disciplinas nos cursos de IES privadas, reforça o interesse pela educação de empreendedores, que cresceu nos últimos anos (LIMA *et al*, 2015). Por outro lado, a quase inexistência de oferta dessas disciplinas nos cursos de instituições públicas, pode levantar dúvidas quanto a formação de seus alunos, estar alinhadas as demandas contemporâneas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ser empreendedor não basta aprender sobre empreendedorismo, faz-se necessário comportar-se como, ampliar sua capacidade de percepção de mundo, identificar necessidades e/ou oportunidades, assumindo os riscos existentes (DOLABELA, 2008). Diante disso, faz parte do papel da academia oferecer educação necessária para essa formação (LOPES, 2014; SOUZA *et al*, 2006; CHEUNG; AU, 2010; ELMUTI; KHOURY; OMRAN, 2012; GIOVANELA; GOUVEIA; FRÂNCIO; DALFANO, 2010). Foi a partir dessa base teórica, que se desenhou o objetivo deste

estudo, de realizar um levantamento sobre o ensino de empreendedorismo e gestão nos cursos de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, uma vez que a oferta de disciplinas nessa área pode ser fator colaborativo para formar este profissional.

Tal estudo, partiu de um levantamento em forma de censo, com base na lista de cursos disponibilizada pelo e-MEC. O que resultou na análise de 657 cursos de Arquitetura e Urbanismo de todo território nacional. Os dados coletados formaram uma base de dados analisada com o *software* PSPP – por meio de tabulações cruzadas.

A pesar de o estudo partir de um censo, analisando todos os cursos de arquitetura e urbanismo do Brasil, este possui algumas limitações. A primeira foi a dificuldade de encontrar as grades (ou matrizes) curriculares de todos os cursos conforme a metodologia adotada – esta pesquisa apenas contabilizou dados encontrados a partir de sites institucionais. Outra dificuldade identificada, se trata da natureza quantitativa do estudo, que, por isso, desconsiderou-se aspectos mais subjetivos. Futuras pesquisas qualitativas podem suprir esta limitação. Sugerem-se aqui estudos de natureza qualitativa onde se avalie a partir desta pesquisa, os planos de ensino das disciplinas avaliadas.

Outra limitação se dá pelo fato de muitas instituições, principalmente privadas, possuírem vários *campi* ou diversos polos espalhados por todo território nacional. Para suprir essa dificuldade, o estudo considerou cada polo ou *campus* como um curso individual, o que certamente teve grande impacto nos resultados estatísticos – principalmente quanto a concentração geográfica dos cursos. Ressalta-se que este estudo apresenta um panorama geral da oferta de disciplinas voltadas para o ensino de empreendedorismo nos cursos de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Contudo, é necessário que se realize mais pesquisas de natureza, fazendo análises profundas e em menor escala – sugere-se que se realizem estudos de censos regionais e estaduais – sobre a educação empreendedora nestes cursos.

Reforça-se, uma última vez, que esta pesquisa contribui como material base para futuras pesquisas, uma vez que analisar a educação empreendedora em cursos de graduação que formam profissionais liberais, é um tema que foi pouco explorado anteriormente. Os dados coletados por este estudo contribuem para o mapeamento da oferta de disciplinas de empreendedorismo nos cursos de arquitetura, de modo que podem ser analisadas outras dimensões em estudos futuros, como densidade demográfica e economia, em seus mais diversos aspectos, como vocação econômica regional. Certamente estudos futuros não precisam, e nem devem, se manter restritos a analisar apenas os cursos de arquitetura. Devem ser realizadas pesquisas, quanto a educação empreendedora nas mais diversas graduações, pois tais estudos contribuirão para o desenvolvimento de novas práticas de educação empreendedora, além de permitir que novos profissionais sejam formados, independente da sua graduação.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, G. F. de; DAVEL, E. Educação empreendedora, experiência e john dewey. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro v. 12 n. 4 out./dez. 2018 1-16.
- BAKAR, R.; ISLAM, M. A.; LEE, J. Entrepreneurship Education: experiences in selected countries. **International Education Studies**, v. 8, n. 1, p. 88-99, 2015.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- CHEUNG, CK.; AU, E. Running a small business by students in a secondary school: its impact on learning about entrepreneurship. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 13, p. 45-63, 2010.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2ed. Artmed, Porto Alegre, 2007.
- CAU/BR decide recusar registro profissional a alunos formados em cursos EaD. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/cau-br-decide-recusar-registro-profissional-a-alunos-formados-em-cursos-ead/> Acessado em: 13 mai. de 2020.
- DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor:** a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo:** transformando ideias em negócios. (5a ed.). Rio de Janeiro: Empreende / LTC, 2015.
- ELMUTI, D.; KHOURY, G.; OMRAN, O. Does entrepreneurship education have a role in developing entrepreneurial skills and ventures effectiveness? **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 15, 83-98, 2012.
- FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: hysteresis and persistence. **Journal of small business management**, v. 53, n. 1, p. 75-93, 2015.
- FILION, L.J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, v. 34, n. 2, p.05-28. São Paulo, abril/junho, 1999.
- GIOVANELA, A., GOUVEIA, A. B. C. T. de FRÂNCIO, S., e DALFANO, O. As características da disciplina de empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior do Estado de Santa Catarina. **Revista Gestão Universitária na América Latina**, v. 3, n. 1, p. 69-84, 2010.
- GOMES, D. C.; SILVA, L. A. F. Educação empreendedora no ensino profissional: desafios e experiências numa instituição de ensino. **HOLOS**, Natal, v. 1, n. 34, p. 118-139, 2018.
- HENRIQUE, D. C.; CUNHA, S. K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, p. 112-136, 2008.

JOHAN, D. A.; KRÜGER, C. BÜRGER, R. E.; MINELLO, I. F. Educação empreendedora: um estudo bibliométrico sobre a produção científica recente. **Navus Revista de gestão e tecnologia**. Florianópolis, SC v.8 n.4 p. 125-145 out./dez. 2018

KRÜGER, C. BÜRGER, R. E., MINELLO, I. F. O papel moderador da educação empreendedora diante da intenção empreendedora. **E&G Economia e Gestão, Belo Horizonte**, v. 19, n. 52, Jan./Abr. 2019

LANERO, A.; VÁZQUEZ, J. L.; GUTIÉRREZ, P.; GARCÍA, M. P. The impact of entrepreneurship education in European universities: an intention-based approach analyzed in the Spanish area. **International Review on Public and Non-Profit Marketing**, v. 8, n. 2, p. 111-130., 2011.

LAUTENSCHLÄGER, A.; HAASE, H. The myth of entrepreneurship education: seven arguments against teaching business creation at universities. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 14, n. 1, p. 147-161. 2011.

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando a educação superior em empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea RAC**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, art. 1, pp. 419-439, Jul./Ago. 2015.

LOPES, C. L. J. Educação empreendedora: um estudo do projeto de empreendedorismo 10.0 aplicado aos alunos do curso técnico em informática. **Revista de Empreendedorismo, inovação e tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 39-44, 2014.

PAUL, J.; SHRIVATAVA, A. Do young managers in a developing country have stronger entrepreneurial intentions? Theory and debate. **International Business Review**, 2016.

PORTELA, J.; HESPANHA, P.; NOGUEIRA, C.; TEIXEIRA, M. S.; BAPTISTA A. **Microempreendedorismo em Portugal: Experiências e Perspectivas**. Lisboa: INSCOOP, 2008.

SCHAEFER, R.; MINELLO I. F. A Formação de novos empreendedores: natureza da aprendizagem e educação. **Revista da Micro e Pequena Empresa FACCAMP**, Campo Limpo Paulista, v. 11, n. 3 p. 2-20, 2017.

SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. Tradução de Maria Sílvia Possas. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985.

SILVA, J. F.; PATRUS, R. O. Bê-á-bá do ensino em empreendedorismo: uma Revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 2, p. 372-401, mai/ago. 2017.

SOUZA, E. C. L.; SOUZA, C. C. L.; ASSIS, S. A. G.; ZERBINI, T. Métodos e técnicas de ensino e recursos didáticos para o ensino do empreendedorismo em IES brasileiras. In: SOUZA, E. C. L. 2006;

TAVARES, C. M.; MOURA, G. L. de; ALVES, J. N. Educação empreendedora e a geração de novos negócios. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, n. 188, p. 1-8, 2013.

UNCTAD SECRETARIAT. Division on investment and enterprise: results and impact – Report 2015, **United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), Geneva.**
Disponível em: https://unctad.org/en/PublicationsLibrary/diae2015d1_en.pdf Acesso em: 19 nov. de 2019.

VIEIRA, S. F. A.; MELATTI, G. A.; OGUIDO, W. S.; PELISSON, C.; NEGREIROS, L. F.. Ensino de empreendedorismo em Cursos de Administração: um levantamento da realidade brasileira. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, n. 2, p. 93-114, 2013.

VOLKMANN, C. Entrepreneurship studies: an ascending academic discipline in the twenty-first century. **Higher Education in Europe**, v. 29, n. 2, p. 177-185, 2004.

YUSOFF, M. N. H. B., ZAINOL, F. A., IBRAHIM, M. D. B. Entrepreneurship Education in Malaysia's Public Institutions of Higher Learning: a review of the current practices. **International Education Studies**, v. 8, n. 1, p. 17-28, 2015.